

Guias de bolso para soldados dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: elaboração, propósitos e projeção

Francisco César Alves Ferraz

Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Paraná, Brasil

Anailza Guimarães Costa

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Paraná, Brasil

Recebido em: 30 maio 2025

Aprovado em: 06 mar. 2026

Publicado em: 30 abr. 2026


O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Brasil.

* Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Departamento de História. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo; Mestre e graduado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: fcaFerraz@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2840-2074>

 <http://lattes.cnpq.br/5609472501010800>

** Doutoranda em História na Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Educação e graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: anailzaguiamaraescosta@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0006-3168-8946>

 <http://lattes.cnpq.br/4551813576899261>

Resumo

Este artigo faz uma análise do processo de elaboração, os objetivos e os conteúdos de manuais de instruções para soldados estadunidenses criados durante a Segunda Guerra Mundial, cuja função era orientá-los para o contato e convivência com militares aliados e a com a população civil das regiões ocupadas pelos Estados Unidos. O estudo se concentrará em três manuais estadunidenses: o *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942), *Instructions for American Servicemen in France* (1944) e o *112 Gripes about the French* (1945). O primeiro, produzido em 1942, tinha a função de instruir os soldados enviados para lutar na Grã-Bretanha. O segundo, para orientar os combatentes que se dirigiam à França em 1944 e o terceiro, publicado em 1945, continha queixas de soldados estadunidenses sobre os franceses, com respostas do governo dos EUA defendendo a população francesa. Para análise dos manuais, utilizamos a História Comparada, por nos permitir observar as semelhanças, diferenças e influências mútuas de um manual sob o outro. Através dessa pesquisa, percebemos que os guias de bolso foram produzidos por meio de um processo arquitetado pelo governo estadunidense, que usou os manuais para idealizar um tipo de soldado civilizado. Além disso, observamos que os guias de bolso foram utilizados como estratégias para a projeção de um poder político, social e cultural dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra imediato e a longo prazo.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Exército dos Estados Unidos. Guias de Bolso para Soldados. Forças de Ocupação.

Pocket Guides for U.S. Soldiers Overseas in World War II: Design, Purposes, and Projections

Francisco César Alves Ferraz

State University of Londrina
Londrina, Paraná, Brazil

Anailza Guimarães Costa

State University of Maringá
Maringá, Paraná, Brazil

Received: 30th May 2025

Approved: 06th Mar. 2026

Published: 30th Apr. 2026


This work was carried out with the support of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) - Brazil.


* Associate Professor at the State University of Londrina, Center for Letters and Human Sciences, Department of History. PhD in Social History from the University of São Paulo; MA and BA in History from the "Júlio de Mesquita Filho" State University of São Paulo. CNPq Research Productivity Fellow. Email: fcaferraz@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2840-2074>

 <http://lattes.cnpq.br/5609472501010800>

** PhD candidate in History from the State University of Maringá; MA in Education and BA in History from the Federal University of Sergipe. Email: anilzaguimaraescosta@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0006-3168-8946>

 <http://lattes.cnpq.br/4551813576899261>

Abstract

This article analyzes the development, objectives, and content of instruction manuals produced for American soldiers during World War II, to prepare them for interaction and coexistence with Allied military personnel and civilian populations in territories occupied by the United States. The study focuses on three American manuals: *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942), *Instructions for American Servicemen in France* (1944), and *112 Gripes about the French* (1945). The first manual, published in 1942, was intended to instruct soldiers sent to Great Britain; the second, from 1944, targeted those sent to France; and the third, published in 1945, compiled complaints made by American soldiers about the French, together with responses from the U.S. government in defense of the French population. The analysis uses a comparative history approach, which allows us to identify similarities, differences, and mutual influences between the manuals. The research reveals that these pocket guides were part of a broader strategy by the US government to promote an idealized model of the "citizen soldier". In addition, the manuals served as tools to project American political, social, and cultural power during the war and in the immediate aftermath.

Keywords: World War II. United States Army. Pocket Guides for Soldiers. Occupation Forces.

Introdução

Quando as tropas dos Estados Unidos invadiram, junto aos seus aliados britânicos e canadenses, as praias da Normandia, em junho de 1944, foi desencadeado o maior empreendimento logístico militar de que se tinha notícia até então. Homens, armas, munição, equipamentos, veículos, combustível, suprimentos variados de manutenção da vida de centenas de milhares de soldados, foram enviados e descarregados naquele dia e nas semanas seguintes no litoral norte da França. Dada a dimensão épica da empreitada, chamou pouca atenção o envio de milhares de caixas de livros, ao lado daqueles itens indispensáveis ao combate e à sobrevivência das tropas invasoras. Para o Comando estadunidense, porém, tratava-se de um item necessário, não apenas para a distração e/ou alívio dos combatentes em seus momentos na retaguarda, mas também para tornar mais eficiente a invasão e ocupação de territórios habitados por populações de línguas, culturas e regras morais pouco conhecidas. Este artigo se ocupará com um tipo específico de publicação que estava incluído naquelas caixas, os guias de bolso (*pocket guides*), manuais de instruções aos soldados estadunidenses para o contato e convivência com militares aliados e a com a população civil das regiões ocupadas. O estudo se concentrará em três desses manuais de instruções: *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942); *Instructions for American Servicemen in France* (1944) e *112 Gripes about the French* (1945). Serão examinados os processos de elaboração desses manuais, seus objetivos, seus conteúdos e seu funcionamento.

O envio de livros para os soldados compreendeu dois tipos de publicações: a) livros novos e usados, já publicados por editoras no país, adquiridos por particulares e arrecadados por campanhas como as realizadas pelo *Council on Books in Wartime* e *National Defence Book Campaign* (em 1942, chamada de *Victory Book Campaign*); b) produção de publicações voltadas para o consumo dos combatentes nos Teatros de Operações da Europa, Mediterrâneo e Pacífico, realizadas tanto por editoras privadas quanto pelos serviços de publicação do governo e das forças armadas. As campanhas vinculadas ao primeiro tipo de publicações foram muito bem-sucedidas, contribuindo para multiplicar o número de volumes de livros disponíveis para os soldados estadunidenses – de um milhão antes da guerra para doze milhões ao fim dela (Loss, 2003, p. 812; Manning, 2015, p. 44-73). O foco deste artigo, contudo, está no segundo tipo de publicação e, mais particularmente, um tipo de publicação elaborada para situações específicas da Campanha na Europa, sob chancela das forças armadas dos Estados Unidos: os "*pocket guides*", guias de instrução de comportamento em território estrangeiro, voltados para praças e oficiais de tropas em estacionamento ou de ocupação. Foram publicações que demandaram estudos prévios sobre os temas a serem abordados e sobre o próprio público leitor.

Tais estudos foram possíveis com a estruturação de organismos e divisões de pesquisa e análise social e estrutural, dentro do governo e das forças armadas dos Estados Unidos. Essas divisões de "*Research & Analysis*", formadas por docentes e pesquisadores universitários das ciências humanas, foram recrutadas durante a guerra e tinham como tarefas principais

fornecer informações importantes para os serviços de inteligência do país, concentrados na Secretaria de Serviços Estratégicos (*Office of Strategic Services*, doravante *OSS*). Uma parte desses *scholars* procurava entender, através de exaustivas pesquisas de opinião (*surveys*) entre soldados e oficiais do exército americano, seu ânimo de combate, as deficiências sentidas, suas reações em relação a outros grupos dentro das próprias forças armadas, suas opiniões sobre os aliados e inimigos (*War Department*, 1945, p. 10). A outra parte, voltada para o conhecimento de aliados e inimigos dos Teatros de Operações nos quais as forças armadas dos Estados Unidos estavam engajadas, desenvolveu “estudos de área” dessas realidades externas ao país. Foi esse grupo o responsável pela elaboração dos *pocket guides*, embora essa não tenha sido sua principal função.

Os “estudos de área”, as tarefas de ocupação de território pelas forças estadunidenses e seu papel na elaboração dos “*pocket guides*”

Diferentemente das potências coloniais europeias, os Estados Unidos não estavam preparados para administrar áreas controladas depois de ocupações militares. As experiências anteriores dos estadunidenses em ocupar territórios e administrar populações desconhecidas, originadas da Primeira Guerra Mundial, tinham sido desastrosas, criando muitas dificuldades e conflitos desnecessários com os locais. Os militares reconheceram seu despreparo para este tipo de função, e para a guerra em curso a preparação coube ao pessoal civil, particularmente de origem acadêmica. No entanto, a palavra final sobre as decisões sobre o que fazer com as informações permaneceu nas mãos das forças armadas (Nugent, 2007, p. 39-40).

Para essa e outras tarefas de informação, contrainformação e conhecimento de inimigos e aliados, durante a guerra, as lideranças militares chamaram um grupo seletivo de representantes das Humanidades: cientistas sociais (principalmente antropólogos), geógrafos, economistas, psicólogos e historiadores. Esses profissionais de ciências humanas foram reunidos em órgão de pesquisa e análise (*Research & Analysis Branch, R&A*) das forças armadas e do *Office of Strategic Services (OSS)*, primeiramente chamada de *Coordinator of Information*). Esses órgãos recrutaram, para seleção e estruturação geral das equipes de profissionais de humanidades, alguns docentes e pesquisadores proeminentes das principais universidades estadunidenses, como o historiador militar Edward Mead Earle, o especialista na história francesa Crane Brinton, o economista Edward S. Mason, o historiador de estratégia e inteligência Sherman Kent (que ficou a cargo da Divisão de Europa-África da *R&A*), e o soviétólogo Geroid T. Robinson. Por sua vez, esses acadêmicos sêniores recrutaram seus orientandos e auxiliares de confiança e talento - os historiadores Carl Schorske, H. Staurtn Hughes, Leonard Krieger, Gordon Craig, Arthur Schlesinger Jr, Franklin Ford, Earl J. Hamilton; os jovens economistas Walt Rostow, Moses Abramovitz, Carl Kaysen, Sidney Alexander and Paul Sweezy; e sociólogos que estavam começando a se destacar, como Edward Shils, Morris Janowitz e Barrington Moore Jr. (Katz, 1992, p. 44-45). A partir de 1943, as equipes de *R&A*

foram reforçadas com scholars refugiados estrangeiros de regimes fascistas, que contribuíram com sua fluência linguística e conhecimento profundo das nuances culturais, políticas e econômicas de seus países, como os historiadores Felix Gilbert e Hajo Holborn, o economista e futuro Premio Nobel Wassily Leontief, os teóricos marxistas da Escola de Frankfurt Franz Neumann, Herbert Marcuse e Otto Kirchheimer, o especialista em petróleo Walter Levy e o economista Paul Baran, entre outros. No caso específico deste estudo, que são os guias de bolso, foram organizados cursos rápidos de “governo militar” e elaborados “estudos de área” compreensivos a praticamente todas as dimensões das sociedades nas quais os combatentes estadunidenses estacionavam, ocupavam ou planejavam ocupar (Price, 2002).¹

Este trabalho era efetuado em duas etapas: primeiramente os estudos de área contribuíam para os serviços de inteligência das ações militares e para a preparação dos combatentes para tornar eficientes as relações com a população local – neste caso, os *pocket guides* eram sua melhor expressão. Em seguida, uma vez ocupado um local e os soldados garantissem a segurança e a ordem, o pessoal dos assuntos civis chegaria, para inicialmente se inteirar das questões cruciais para administrar como tropa de ocupação, como o fornecimento de água, fontes de energia, tipos de solo, recursos minerais, práticas agrícolas, meios de comunicação, pontes, canais, hospitais, campos de pouso. Seriam também estudadas as características da população, como o tamanho, distribuição, classes sociais, relações de trabalho, conflitos trabalhistas, natalidade e mortalidade, fluxos migratórios, questões linguísticas, nacionais, raciais etc. Em suma, proporcionar aos ocupantes as melhores condições para agirem como um “Estado” (Nugent, 2007, p. 47-49). No norte da África o pessoal dos assuntos civis chegou junto com os combatentes. Enquanto as tropas avançavam no deserto, o pessoal dos assuntos civis ajudava na consolidação das posições junto à população local. Isso também ocorreu na Sicília e na Córsega. Já no caso da invasão da Normandia, as tropas de assuntos civis não participaram da primeira onda de invasão, mas estiveram na segunda onda (Nugent, 2007, p. 53).²

Foi nesse contexto que surgiram os “estudos de área”. Além dos tradicionais guias de comportamento de soldados em áreas ocupadas, tais iniciativas foram uma das bases para ações dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra e na Guerra Fria (Nugent, 2010).

Portanto, antes dos soldados cumprirem suas missões e ocuparem os objetivos em territórios estrangeiros, foi elaborada uma série de guias de bolso para os soldados. Para

-
- 1 Por conta da multiplicidade de funções e tarefas durante a guerra, e a não-identificação da equipe responsável nas informações contidas nos guias, não foi possível atribuir a autoria específica dos guias.
 - 2 Havia outras razões, além das boas relações com a população local, para a pressa do Comando americano para colocar as equipes de administração civil no comando das localidades, tão logo fossem expulsas as tropas do Eixo: na França, por exemplo, havia muitos grupos locais concorrendo para tomar o poder depois da Libertação, como o Partido Comunista Francês e o Movimento França Livre, de Charles De Gaulle. Ambos tinham planos para liderar a França no pós-guerra. Também no Mediterrâneo o comunismo era considerado uma ameaça às zonas ocupadas (Nugent, 2007, p. 53).

organizar esse material, foi mobilizada a Divisão de Psicologia (*Psychology Division*) da OSS. O primeiro guia foi elaborado para o pessoal estadunidense estacionado na Grã-Bretanha (*Instructions for American in Britain*, de 1942, que será analisado neste artigo). Nos meses seguintes, a confecção desses manuais se intensificou para vários locais, nos dois grandes teatros de operação da guerra, Europa/Mediterrâneo e Pacífico.

A primeira versão desse material era feita por um especialista na “área” ou região. Geralmente, eram profissionais das ciências humanas, principalmente antropólogos, que haviam estado na região e/ou estudado a cultura local, de maneira a orientar corretamente tanto sobre formas de lidar com militares locais e com a população civil sobre diversos tópicos úteis para os recém-chegados: meios de conseguir informações de inimigos e aliados, pautas alimentares locais, tabus sociais e religiosos, etiqueta e costumes. Embora este trabalho inicial estivesse a cargo da Divisão de Psicologia, havia a integração de diversas especialidades na elaboração dos esboços desses guias.

Os escritores de manuais tinham que ter quatro tipos de leitores em mente:

1. O soldado que nunca havia saído de casa e agora estava entrando no país estrangeiro em questão pela primeira vez. Como explicar em termos simples as complexidades dessa cultura estrangeira?
2. O público dos Estados Unidos que, com o tempo, olharia para os panfletos produzidos pelo governo com um olhar crítico. A [revista] *The New Yorker*, por exemplo, publicou várias caricaturas sobre eles.
3. Nativos do país estrangeiro que se ofenderiam com quaisquer comentários depreciativos que pudessem, por deslize, aparecer no texto.
4. Agentes inimigos que escolheriam qualquer coisa que pudessem usar na guerra psicológica com o objetivo de ganhar simpatias nativas. Por exemplo, em um dos guias do Oriente Próximo, o leitor soldado foi aconselhado a não urinar em público, pois isso era uma ofensa grave contra a etiqueta local. Uma edição inteira do guia foi eliminada e esta passagem excluída. Por quê? Porque alguém temia que os alemães escolhessem este item para provar que os

americanos são bárbaros e que até mesmo seu próprio governo deve dizer a eles como se comportar em público. (Embree, 1946, p. 486-487. Grifos no original).³

Uma vez concluído cada esboço, começavam os problemas de diferença entre as expectativas dos encarregados militares para esses manuais e as dos profissionais de Humanidades. Por mais pragmáticos que fossem os elaboradores “civis”, sua perspectiva de como poderiam ser as relações entre os “forasteiros” estadunidenses e as comunidades locais frequentemente divergiam dos objetivos militares.

Contudo, as discrepâncias entre acadêmicos e militares iam além de seus *ethos* formativos. Enquanto encomendavam a redação desses manuais, o R&A recebia também relatórios e análises de pesquisas de opinião entre os soldados do front e da retaguarda, sobre todas as dimensões de combate, treinamento e da vida no front. Uma dessas dimensões era a opinião/concepção que os soldados e oficiais tinham dos aliados de outras nações e de seus inimigos (*War Department*, 1945, p. 10-13). Assim, de posse desses resultados, os revisores dos manuais poderiam direcionar tópicos ou mesmo omitir assuntos sensíveis. No caso dos manuais para a França, por exemplo, era recomendado aos estadunidenses não compararem os exércitos franceses aos de seu país, tampouco escarnecer do desempenho francês em sua derrota contra os alemães em 1940.

Os esboços que foram produzidos pelos órgãos subordinados ao OSS eram, portanto, revisados e até mesmo tinham trechos reescritos pela Divisão de Serviços Especiais (*Special Services Branch*). Após tais chancelas, a versão final era remetida para impressão e distribuição.

Bom comportamento, controle e autocontrole

Portanto, o governo dos Estados Unidos criou manuais de instruções que indicavam o comportamento do seu soldado com o habitante local, que era um dos seus aliados na guerra, mas fazia parte de um país estrangeiro, com hábitos e culturas diferentes. O objetivo era ter

3 Tradução nossa. No original: “1. The soldier who had never left home and was now entering the foreign country in question for the first time. How to explain in simple terms the complexities of this foreign culture? 2. The U. S. public which would eventually look at the government-produced pamphlets with a critical eye. The New Yorker, for instance, carried several cartoons about them. 3. Natives of the foreign country who would take offense at any derogatory remarks which might slip into the text. 4. Enemy agents who would pick on anything they could use in psychological warfare aimed to win native sympathies. For instance, in one of the Near Eastern guides the soldier reader was advised not to urinate in public since this was a serious offense against local etiquette. A whole edition of the guide was killed and this passage deleted. Why? Because someone feared that the Germans would pick out this item to prove that Americans are barbarians and that even their own government must tell them how to behave in public”.

em suas fileiras soldados “civilizados”, que projetariam a imagem idealizada pelos Estados Unidos de uma nação democrática, ordeira, respeitosa, que tratava seus aliados com comportamentos amistosos e gentis (*War Department*, 1942). Esse comportamento idealizado pelo Estado, usando os soldados para isso, foi observado nos três manuais selecionados neste artigo.

Nesta análise serão usados os conceitos de formação de civilização, controle e autocontrole de Norbert Elias (1993). Segundo Elias, os costumes são construídos por meio de processos sociais que diferem de acordo com a época e o meio social. O controle social passou a ser mais nítido quando o Estado começou a fazer coerções externas, ou seja, quando criou leis e normas para a vida em sociedade. Segundo Elias, esse controle efetuado através do Estado é convertido em autocontrole, ou seja, o indivíduo, por ser compelido, aprende a moldar seus comportamentos, a viver de acordo com padrões estabelecidos e a ser incentivado a ter um autocontrole das suas ações.

Podemos aplicar isso à intenção das autoridades governamentais e militares, ao criar manuais com o objetivo de polir as ações dos soldados de acordo com seus interesses, exercendo o controle das ações ao fazer manuais que instruíam o soldado a ter o autocontrole de suas ações, tomando cuidado com o que falava, como se comportava, para não ofender seu aliado e projetar a autoimagem que o governo almejava.

Para este texto, analisamos os seguintes manuais: *Instructions for American in Britain* (1942), *Instructions for American Servicemen in France During World War II* (1944) e o *112 Gripes about the French* (1945). O primeiro manual foi produzido em 1942 com a função de instruir os soldados estadunidenses enviados para lutar na Grã-Bretanha. O segundo, para orientar os combatentes que se dirigiram à França em 1944 e o terceiro, elaborado em 1945 o governo estadunidense elaborou respostas com soluções para tentar resolver as reclamações e melhorar a relação de seu soldado com o habitante francês.

Utilizamos o método da História Comparada para analisar os manuais. Embora sejam sociedades diferentes, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França possuem algumas analogias e proximidade no período estudado (1942-1945). Neste trabalho procurou-se identificar as semelhanças e as diferenças nos manuais, pois, “sem analogias, e sem diferenças, não é possível se falar em uma autêntica História Comparada” (Barros, 2007, p. 11).

Segundo Neyde Theml e Regina Maria Bustamante (2007, p. 2), “o conhecimento dos fenômenos sociais amplia-se com o diálogo e a comparação dos resultados de pesquisa”. O uso da comparação possibilita enxergar novos problemas e encontrar respostas que talvez de outro modo não seria possível, uma vez que o pesquisador precisa buscar mais de uma realidade de estudo, com diferentes aspectos políticos e sociais.

Nesta pesquisa foi usado o estudo de Marc Bloch (1992) como principal aporte metodológico, através da História Comparada Problema. Buscou-se observar, através de diferentes manuais, como o governo estadunidense pensou num projeto idealizado de instrução militar, perpassado em mais de uma realidade de estudo. No caso deste artigo, em

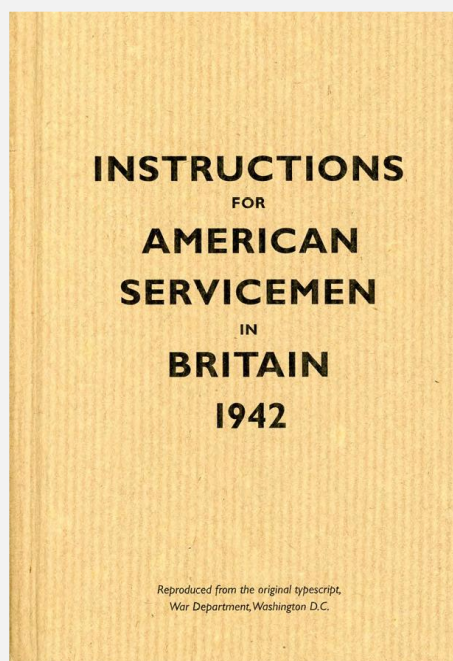
mais de um país: França e Grã-Bretanha. Assim, observou-se as singularidades, as diferenças e as possíveis influências mútuas de um manual sob o outro.

Os manuais selecionados neste estudo, originalmente possuíam o formato de livro de bolso, possibilitando ao soldado carregá-lo em sua farda. Eram de capa brochura, seguindo uma tendência das editoras na época que, para diminuir custos e facilitar o manuseio e transporte, deixaram de lado os livros de capa dura.

As características dos manuais

O manual *Instructions for American Servicemen in Britain*, como já vimos, teve a sua primeira versão publicada em 1942. A cópia que usamos foi reproduzida pela editora *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford, publicado em 2004, com 31 páginas, idioma em inglês e dimensões 11,4 x 0,9 x 15,2, em formato de livro de bolso, sem imagens. Assim como os originais, pode ser facilmente portado pelo leitor, considerando o tamanho e a facilidade de manuseio (Figura 1).

Figura 1 – Manual: Instruções para Soldados Americanos na Grã-Bretanha



Fonte: *Instructions for American Servicemen in Britain*, 1942.

O livro é organizado em cinco capítulos, um prefácio, introdução e a última parte com uma tabela de índices da moeda britânica. Os capítulos se dividem em: "O país", "O povo – costumes e modos", "Britânicos na Guerra", "Linguagem americana X inglesa", "Alguns pontos importantes (faça e não faça) e "Tabela da moeda britânica"⁴ (*War Department*, 1942).

No prefácio, o manual diz qual foi o objetivo desse folheto:

Foi emitido pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos em 1942 e distribuído para os soldados americanos que se dirigiam a Grã-Bretanha para prepararam-se para invasão da Europa ocupada. Muitos deles nunca haviam viajado para o exterior e este panfleto visou cercá-los de dicas para ajudar estes jovens para uma vida diferente do país de origem e tentar orientá-los e preveni-los de atritos e mal-entendidos entre a população local de destino (*War Department*, 1942).⁵

Como apontou o manual de instruções para estadunidenses na Grã-Bretanha, a maioria do exército era composta de civis e alguns deles nunca haviam saído do seu país, por isso orientações específicas foram direcionadas. Na Grã-Bretanha, assim como nos Estados Unidos, o idioma falado é o inglês. Mesmo assim, havia diferenças de sotaques, de costumes e isso foi uma preocupação do Estado estadunidense, que deu orientações sobre a diferença dos sotaques" (*War Department*, 1942, p. 29).

O segundo manual selecionado para este texto, o *Instructions for American Servicemen in France* (1944) também é uma cópia fac-similar publicada em 2004 pela *The University of Chicago Press*. O original, chamado de *Pocket Guide to France*, foi produzido pelo *Army Information Branch of the Army Service Forces, United States Army* em 1944. A reprodução que utilizamos contou com um novo prefácio escrito por Rick Atkinson.⁶ Segundo Atkinson (2004, p. 5), um milhão de cópias do original foram requisitadas pelo Departamento de Guerra em uma mensagem confidencial, transformando o pequeno volume em um dos investimentos editoriais mais ambiciosos da Segunda Guerra Mundial.

4 Tradução nossa. No original: "The Country", "The People – Their Customs and Manner's", "Britain at War", "English Versus American Language", "Some Important Do's and Don'ts" e "Table of British Currency".

5 Tradução nossa. No original: "Its was issued by the United States War Department in 1942 and distributed to American servicemen who were going to Britain to prepare for the invasion of occupied Europe. Many of them had never been abroad before, and this pamphlet's avowed aim was prepare these Young American GIs for life in a very diferente country and to try and prevent any friction between them and the local populace".

6 Rick Atkinson é um autor e historiador americano, mais conhecido por suas obras sobre história militar, particularmente sobre Segunda Guerra Mundial. Seus livros mais famosos incluem a *Liberation Trilogy*, com foco nas campanhas militares americanas no Mediterrâneo e na Europa.

Este manual, ao contrário dos outros, traz imagens, como podemos observar logo nas primeiras páginas:

Figura 2 – “Você provavelmente receberá uma recepção calorosa dos franceses”



Fonte: *Instructions for American Servicemen in Britain*, 1944.

Essa figura retrata um cenário com franceses nos cafés, em pé, olhando como se estivessem felizes e até batendo continência ao receber o exército estadunidense, com a seguinte frase: “Você provavelmente receberá uma recepção calorosa dos franceses”.⁷ Em todo o manual, tenta inserir os soldados na cultura francesa, ao comentar que eles gostam de um bom vinho, apreciam sentar-se para tomar um café e possuem bons restaurantes:

Um dos locais de entretenimento público em todo o centro de cidades francesas são os cafés. Para os franceses, o café é muito mais e muito menos que um bar. É o centro de socialização. Para lá um homem leva sua família em

⁷ Tradução nossa. No original: “*You will probably get a rousing welcome from the French*”.

uma tarde ou após a refeição da noite para tomar um café, um copo de cerveja ou uma taça de vinho, para conversar, para encontrar os amigos ou para ler jornal. Os cafés mantem os jornais diários nas prateleiras para uso dos clientes (*Army Information Branch*, 1944, p. 3).⁸

A intenção do manual era exaltar a cultura francesa, de tal forma que o soldado estadunidense sentisse que estava indo lutar contra os alemães que ocuparam o país e privavam os franceses de manter seu cotidiano. É notório, na citação acima, que havia uma intenção de mostrar os franceses como pessoas que valorizavam a família, uma vez que havia o estereótipo entre os soldados estadunidenses, de que a França era vista como uma nação “frívola”, uma preocupação que o governo dos Estados Unidos alertava no manual *Instructions for American Servicemen in France* (1944):

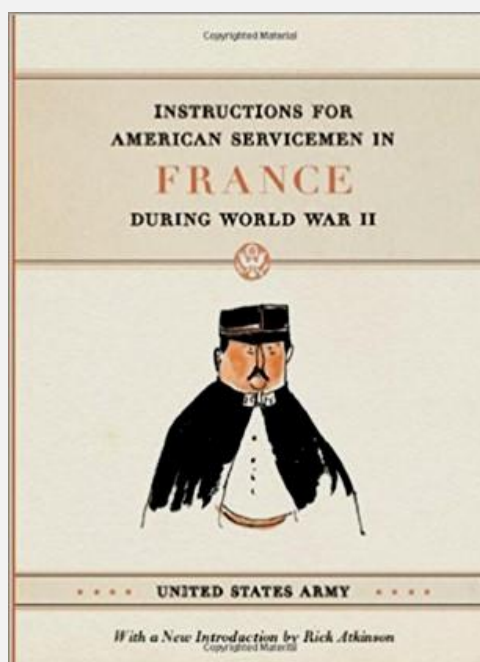
A França tem sido representada muito frequentemente na ficção como uma nação frívola onde piscadelas manhosas e tímidos tapinhas “na traseira” são a forma aceitável de abordagem. É melhor você se livrar dessas noções agora mesmo se quiser ficar longe de problemas (*Army Information Branch*, 1944).⁹

O manual *Instructions for American Servicemen in France* (1944) também se caracteriza pelo formato de livro de bolso. Abaixo segue a capa com imagem ilustrativa de um possível oficial francês.

8 Tradução nossa. No original: “Public entertainment in any French town centers in its cafés. To the French the café is much more and much less than a bar. It’s the social center. There man takes his family of an afternoon or after the evening meal to have a coffee, a glass of beer or wine, to talk, meet friends or read the papers. The cafés keep the daily newspapers on racks for their customers’ use”.

9 Tradução nossa. No original: “France has been represented too often in fiction as a frivolous nation where sly winks and copy pats on the rear are the accepted form of address. You’d better get rid of such notions right now if you are going to keep out of trouble”.

Figura 3 – Manual: Instruções para Soldados Americanos na França Durante a II Guerra Mundial



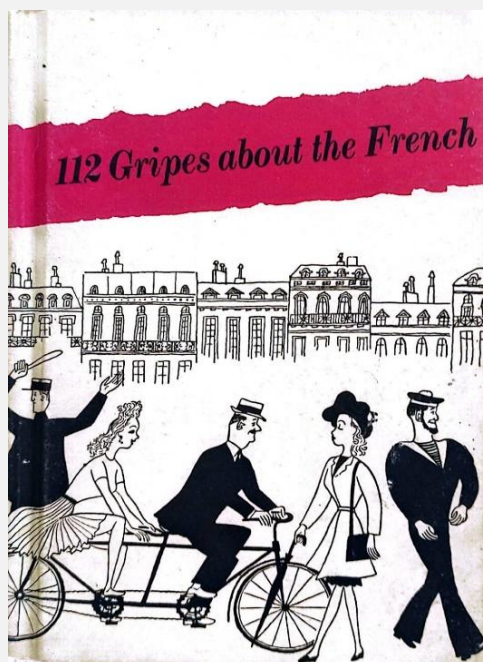
Fonte: *Instructions for American Servicemen in France During World War II*, 1944.

Por último, neste texto, foi analisado o manual *112 Gripes about the French*, publicado originalmente em 1945 pelo *Information & Education Division*¹⁰ dos Estados Unidos. A cópia fac-similar que utilizamos foi produzida pela *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford em 2013. Contém 105 páginas, idioma em inglês, com algumas imagens e dividido em nove capítulos: "Introdução" "Prefácio", "Franceses e nós", "Os franceses", "Os franceses e os alemães", "preços", "O mercado negro", "Aqueles soldados franceses", "Colaboração francesa", "Eles se safaram muito facilmente nesta guerra" e "Política francesa".

Este traz uma singularidade: utiliza o método de perguntas-respostas. Para cada queixa do combatente estadunidense, o livro, representando o Estado, traz uma resposta. Algumas são mais curtas, outras mais longas. A capa deste manual chama atenção por ter desenhos dos prédios de Paris ao fundo, junto a de franceses sorrindo, andando de charretes, casais passeando a pé, de bicicleta, homens, mulheres sendo retratados de forma elegante e bem-vestidos. Como podemos observar na imagem:

10 A Divisão de Educação das Forças de Ocupação dos EUA" em Paris se refere a um departamento ou iniciativa específica criada pelos Estados Unidos durante a ocupação pós-Segunda Guerra Mundial da Alemanha e outras partes da Europa, incluindo a França.

Figura 4 – Manual: 112 reclamações sobre os franceses



Fonte: *112 Gripes About the French*, 1945.

Esse manual surgiu em um contexto diferente. As tropas do exército dos Estados Unidos estavam na França no pós-guerra com o objetivo de manter a lei e a ordem, após a França ser libertada do domínio alemão que durou praticamente quatro anos.¹¹ Quando a Alemanha invadiu a França, houve diversas críticas ao exército francês, que acreditava que estava protegido pela linha Maginot.¹² Segundo o testemunho publicado postumamente de Marc Bloch, historiador e combatente nas duas guerras mundiais, o exército francês não se preparou e não se adequou a uma guerra moderna, diferente da I Guerra (Bloch, 2011, p. 42-43). A França foi derrotada e dividida em duas – as regiões centrais e norte, incluindo a capital Paris, foram ocupadas diretamente pelos alemães, e as regiões do centro e sul mediterrâneo foram mantidas com um governo amistoso aos nazistas, a “República de Vichy”, sob direção

11 A Alemanha nazista invadiu a França em maio de 1940 e a ocupação durou até dezembro de 1944.

12 O sistema de fortificações situado ao longo da fronteira da França com a Alemanha recebeu o nome do político civil André Maginot, seu idealizador e realizador, quando foi ministro da Guerra na França. Construída entre 1930 e 1936, tinha 200 km de comprimento, contava com mais de 300 peças de artilharia voltadas para o inimigo e mais 400 casamatas para infantaria. Tinha amplos paióis de munição, dependências para soldados e oficiais, enfermaria e sistemas de comunicação. Mas, era um sistema defensivo pensado na Primeira Guerra Mundial, estática e não para uma guerra de movimento com blindados e aviões como o segundo conflito mundial (Ferraz, 2022, p. 48-49).

do marechal francês Philippe Pétain. Um exemplo deste caráter aquiescente ao domínio alemão na França foi a instituição do *Service du Travail Obligatoire* – (STO, Serviço de Trabalho Obrigatório), que consistiu no envio de trabalhadores franceses para fábricas, ferrovias e agricultura alemãs, substituindo a mão-de-obra germânica, engajada na guerra. A partir de 1942, o governo de Pétain enviou mais de 600 mil trabalhadores franceses para servir aos alemães. Entre os países derrotados pela Alemanha, a França foi a única nação cujo próprio governo *se ofereceu* para tal envio, em vez de ser obrigado a colaborar com os alemães. Assim, o colaboracionismo de parte dos franceses era evidente e essa era uma questão delicada para os “libertadores” estadunidenses, desconfiados de uma parte dos franceses (Ferraz, 2022, p. 54).

O manual diz que, a princípio, os soldados estadunidenses foram recebidos com euforia. A ideia dos Estados Unidos era passar informações aos seus combatentes de que eles seriam bem recebidos pelos franceses, que estavam indo ajudar e que os franceses estavam felizes com isso. No entanto, como já foi dito no parágrafo anterior, devido ao colaboracionismo de parte dos franceses, havia entre muitos estadunidenses a ideia de que os franceses eram pouco melhores do que os próprios inimigos alemães e japoneses (*Information & Education Division*, 1945).

Por sua vez, a afeição (ou aceitação) dos franceses passou a diminuir cada vez mais, pois achavam os estadunidenses impertinentes, egoístas, que não seguiam as leis. Portanto, temos três visões: a do governo dos Estados Unidos que almejava inculcar em seus combatentes a ideia de que, além de aliados, os franceses estariam gratos com a presença do exército estadunidense; a visão dos franceses em relação ao soldado estadunidense, que não consideravam os aliados estrangeiros com tanta afeição e a visão do soldado estadunidense, que fizeram várias reclamações em relação ao seu aliado francês. Entre suas queixas, afirmavam que os franceses eram mesquinhos, mercenários, cínicos, falsos, reclamões, tagarelas, entre outros adjetivos pejorativos (*Information & Education Division*, 1945).

Devido a tantos problemas de relacionamento e o temor de uma rápida deterioração entre esses aliados de guerra, o exército dos Estados Unidos encomendou um manual denominado de *112 Gripes about the French*, que buscou abordar diretamente as queixas mais comuns feitas pelos soldados sobre a população local, na tentativa de modificar a forma que eles enxergavam os franceses. Vale ressaltar que os Estados Unidos não encomendaram um manual que respondia as queixas dos seus soldados e defendia os franceses porque deles tinham afeição, mas porque havia muitos interesses por trás. Fortalecer as alianças seria importante para restaurar a França como aliado democrático e evitar o avanço da União Soviética na Europa Ocidental no pós-guerra.

Os conflitos culturais entre os Aliados: Estados Unidos, Grã-Bretanha e França

Todos os manuais de instruções abordados nesse texto têm muitas semelhanças e diferenças. Do ponto de vista financeiro, a edição de milhões desses manuais, assim como o aparato logístico necessário para seu envio e distribuição, representariam um custo em atividade extra combate. A partir disso, surge questionamentos: por que tanto investimento em manuais? Por que eles são diferentes em vários aspectos, mas também semelhantes? Podemos pensar em um tipo de soldado estadunidense ideal? Como os americanos enxergam seus aliados? Qual autoimagem os Estados Unidos queriam disseminar por meio dos manuais?

Como já vimos, os manuais de instruções foram criados para informar aos soldados sobre o país no qual estavam sendo enviados e dar orientações sobre comportamentos. Porém, entre aquilo que foi idealizado pelo governo estadunidense e o que ocorreu no cotidiano foi diferente. Analisando a documentação e bibliografia, percebe-se que havia vários embates e choques culturais.

Os problemas gerados pela falta de obediência durante a guerra não foram poucos. Houve os estupros individuais e coletivos, os saques, a corrupção, embriaguez, atos de indisciplina, entre outros. Entre os estadunidenses e ingleses as desavenças não foram poucas. Havia a reclamação de que os soldados dos Estados Unidos que só entraram no conflito depois, achavam que sozinhos seriam os responsáveis por decidir rapidamente a vitória (Ambrose, 2010).

No momento da chegada dos estadunidenses ao *front*, no fim de 1942, muitos soldados britânicos já estavam no campo há anos e a experiência deles mostrava isso. Inicialmente os estadunidenses sentiam admiração pelo conhecimento tático dos ingleses, pelas suas vestimentas impecáveis, pelo hábito de fazer a barba religiosamente todos os dias, fizesse chuva ou sol, com água quente ou fria. Essa admiração chegou ao ponto de novatos estadunidenses se sentirem inseguros por acharem que precisavam provar aos britânicos sua eficiência militar nas batalhas (Schrijvers, 1998, p. 32-33).

Tal insegurança reforçou alguns ressentimentos dos recém-chegados. Os soldados estadunidenses reclamavam que os britânicos eram muito reservados, distantes, difíceis de fazer amizade, ao contrário deles, que se achavam mais sociáveis. Por exemplo, um soldado da 34ª Divisão de Infantaria que ajudou a descarregar material inglês da África do Norte para Bari, na Itália, no outono de 1943, escreveu em seu diário: eles (britânicos) eram caras legais, mas não se misturam muito conosco (Schrijvers, 1998, p. 32).

Segundo Schrijvers (1998, p. 35-39) os estadunidenses consideravam os oficiais britânicos tão frios e mais soberbos ainda que seus subordinados e as opiniões sobre eles iam de “Coronel Pomposo Reacionário” a “muito cheio de si”. Também não compreendiam alguns costumes dos britânicos como o ritual do chá. Os soldados carregavam xícaras esmaltadas penduradas nas suas bagagens e quando chegava a hora do chá, geralmente não abriam mão,

o que irritava os estadunidenses que consideravam isso banal e atrapalhava o andamento das operações.

Houve um caso em que tropas envolvidas na Batalha de Ardenas não tiveram sua liberação feita pela Divisão Britânica, que sofreu uma interrupção na manhã de 1º de janeiro de 1945. Após investigação descobriram que os britânicos às 10h da manhã fizeram uma parada no meio da estrada para ferverem chá. Fatos como esses geraram a desconfiança dos estadunidenses, que criticaram ainda mais os hábitos dos britânicos. Existiam mais críticas sobre os costumes dos seus aliados, como: a saudação desajeitada com a palma na parte superior da testa; o problema com motoristas que negligenciavam a direção do lado direito no continente; os sapatos baixos, as meias na altura dos joelhos e os saíotes dos soldados escoceses (Schrijvers, 1998, p. 39).

Dessa maneira, aquela admiração inicial dos soldados estadunidenses pelo exército britânico começou a desaparecer, pois achavam as tradições ultrapassadas, muito rígidas de um exército imperialista velho, que parecia inadequado a um novo tipo de guerra. As diferenças entre a quantidade de armas modernas que os Estados Unidos possuíam em comparação com as deficiências de materiais que a Grã-Bretanha enfrentava também era motivo de piadas. Por esses motivos, o manual *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942) deu tantos alertas aos soldados, pedindo união e lembrando que os britânicos eram aliados na guerra, que Hitler se aproveitaria para propagar as intrigas e que se isso ocorresse, a vitória certamente estaria com os nazistas (*War Department*, p. 3).

Da outra parte, dos britânicos com os estadunidenses, também existiam insatisfações. Muitos se sentiam inferiorizados pelo fato de o soldado estadunidense ter um soldo melhor, reclamavam que eles roubavam suas mulheres, seus cigarros e que deixavam grande quantidade de equipamento descartado para trás nas suas áreas (Schrijvers, 1998, p. 36-37).

Porém, além dos casos de intrigas na relação entre os soldados, havia os crimes cometidos, como os estupros. Por conta disso, todos os manuais analisados nesta pesquisa deram instruções para que respeitassem as mulheres, fossem cidadãs comuns ou oficiais. Na França, as mulheres tiveram problemas com os estereótipos criados. Na década de 1930 houve uma explosão de cabarés, casas noturnas e bordéis que fizeram com que a capital francesa fosse vista como a cidade do divertimento, dos prazeres e da liberdade. Por conta dos inúmeros bordéis, às mulheres eram generalizadas como prostitutas, “fáceis” e cognominadas de “Uh lá lá!” (Quétel, 2009, p. 37-38).

Esta imagem preconceituosa e estereotipada das francesas acabou contribuindo para que ocorresse um maior número de atos de violência sexual cometidos por soldados estadunidenses na França. Só em abril de 1945 houve 260 queixas de estupros, fora os casos que não eram denunciados. As francesas, confiantes nos seus “libertadores”, seguiam para os acampamentos militares para trocar algum item e acabavam sendo violentadas (Quétel, 2009, p. 58-59).

Apesar das ordens dadas aos soldados estadunidenses para manterem a diplomacia com os franceses no manual *Instructions for American Servicemen in France*, os problemas entre

eles ainda eram significativos. Então, o governo criou o livreto *112 Gripes about the French em 1945*. No prefácio traz a explicação para sua criação:

O livreto tenta ajudar alguns de nós a entender um aliado – os franceses. Não tem como intenção “defender” os franceses ou punir aqueles americanos que não gostam dos franceses. Seu objetivo é simplesmente trazer essas irritações, insatisfação e mal-entendidos – os quais surgem porque é geralmente difícil para pessoas de um dado país compreender pessoas de outro – para um foco racional e razoável (*Information & Education Division, 1945*).¹³

No folheto *112 Gripes* (1945), os estadunidenses iniciam as queixas dizendo que foram para a Europa salvar duas vezes os franceses em vinte e cinco anos, que os achavam mesquinhos, que olhavam “torto”, que os odiavam, que os franceses nunca fizeram nada para ajudá-los, que haviam dado tudo ao exército francês, como uniformes, jipes, suprimentos, munições, que eles estavam sendo extorquidos pelos franceses nos clubes noturnos, que não eram um povo amigável e reclamavam das instalações na França, que diziam ser velhas, que o povo tinha mau cheiro e que os Estados Unidos não tinham motivos para se importar com a França.

Outras reclamações no livreto chamam a atenção, como a queixa 25:

“Os franceses estão nos roubando”

Alguns franceses certamente tiram vantagens de alguns americanos. Lembramos das vezes em que fomos prejudicados. Esquecemos o número de vezes em que não fomos. Quantas vezes vocês foram tratados justa e honestamente? Ou vocês nunca foram “roubados” em casa – nas cidades próximas dos acampamentos militares? (*Information & Education Division, p. 21*).¹⁴

13 Tradução nossa. No original: “*The booklet tries to help some of us understand an ally – the French. It is not meant either to “defend” the French or to chastise those Americans who do not like the French. It is intended simply to bring into reasonable focus those irritations, dissatisfactions and misunderstandings which arise because it is often hard for the people of one country to understand the people of another.*”

14 Tradução nossa. No original: “*The French are gyppin us’ // Some French have certainly gyppen some Americans. We remember the times we were gypped. We forget the number of times we were not. How many times were you treated fairly, honestly? Were you never ‘gypped’ back home – in towns near army camps?*”

Observa-se que até mesmo em casos de reclamações que o próprio governo reconhecia, como mostra a citação acima, há todo um argumento para justificar o comportamento dos franceses. O uso da comparação para que o soldado refletisse e mudasse sua percepção foi utilizado em praticamente todo manual. Para todo questionamento, dos mais variados possíveis, havia toda uma exposição de explicações. Isso mostra que esse livreto foi escrito por pessoas especialistas em análises comportamentais, que sabiam quais palavras usar para mudar o sentido do que estava sendo dito. Ou seja, havia clara intenção de direcionamento por parte dos redatores do manual e da administração militar que os liberou para os soldados.

A queixa 34 mostra esse esforço dos Estados Unidos, em usar toda uma argumentação para rebater a crítica do seu soldado, como podemos observar:

34. "O que esses sapos já trouxeram de contribuição para o mundo, afinal?"
 Fora o fato de que as concepções básicas de liberdade, direitos humanos, e governo do povo receberam seus maiores incentivos dos escritores e pensadores franceses do período Iluminista, "esses sapos" fizeram contribuições para a história, a literatura, ciência, arte, filosofia e ideias políticas que formam um dos mais brilhantes e orgulhosos feitos da civilização humana. Os feitos da França estão de igual para igual aos de qualquer outra nação do mundo, e em muitas páreas, estão em posição bem superior aos de outras nações (*Information & Education Division*, p. 27).¹⁵

Após trazer todos esses relatos da contribuição dos franceses com o movimento iluminista, que trouxe os ideais de liberdade em sua filosofia, o livreto ainda fornece uma lista imensa com nomes de escritores franceses, cientistas, músicos, pintores, escultores, filósofos e historiadores. Todo esse esforço para argumentar que os franceses não eram um povo qualquer e que o soldado estadunidense deveria reconhecer isso.

Em meio a tantos conflitos culturais, reclamações de convivências dos soldados estadunidenses para com os seus aliados britânicos e franceses, percebe-se que as instruções que foram dadas anteriormente nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942) e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II* (1944), na prática, não funcionaram da maneira como seus elaboradores idealizavam.

15 Tradução nossa. No original: "'What did these frogs ever contribute to the world anyway?' // Apart from the fact the basic conceptions of freedom, liberty, human rights, and government by the people received their greatest impetus from the French writers and thinkers of the period called the Enlightenment "these frogs" have made contributions to history, literature, Science, art, philosophy and political ideas which make one of the proudest and most brilliant records in the civilization of mankind. The record of France can stand beside that any other nation in the world".

Contudo, chama a atenção a preocupação em insistir nas ordens para que o soldado passasse a autoimagem que os Estados Unidos queriam. Especialmente no caso da relação com os franceses que, para reforçar as orientações dadas anteriormente, foi criado em 1945 o livreto, o *112 Gripes about the French*. Se no manual foram elencadas 112 reclamações, isso mostra que existia muito mais, e que as que foram selecionadas provavelmente eram as mais recorrentes.

É importante pensarmos que para elaborar esses materiais houve um grande investimento e preparação do governo estadunidense. Se houve esse esforço significativo, mostra que os interesses por trás eram tão grandes quanto os investimentos. A imagem positiva da liderança estadunidense, algo que fazem até hoje através de filmes, séries, músicas, comidas, é uma afirmação de poder e de superioridade, que esteve presente em toda história do país.

Foi após a Segunda Guerra que os Estados Unidos se consolidaram como a potência mundial do mundo capitalista. Para isso, antes mesmo de sua entrada no conflito, eles já encaminhavam suas projeções hemisféricas, intensificando a formação de alianças com os países das três Américas na consolidação de uma Política de Boa Vizinhança que, embora anterior ao conflito, já era executada como uma política de guerra. Essa política externa, na qual a potência hegemônica agia não como um ocupante colonial (nos moldes do neocolonialismo europeu na Ásia e África) mas como um “amigo poderoso” e atento às necessidades das Nações-Estado independentes, e que as protegiam dos inimigos predadores e “totalitários”, se tornou modelo que seria reproduzido em escala global no pós-Segunda Guerra Mundial (Buchanan; Lawlor, 2024, p. 15).

Entendendo a política dos Estados Unidos nesses moldes, faz mais sentido a projeção de Earl J. Hamilton, um dos acadêmicos recrutados para a organização dos “estudos de área”, em documento escrito em 1943, para o governo estadunidense. Neste, o historiador hispanista chamou a atenção para a necessidade, sentida durante a guerra, de conhecer mais detalhadamente todas as regiões do globo. Não se tratava, disse Hamilton, apenas de regiões das operações militares ou zonas potenciais de combate, mas sim de conhecimentos mais completos possíveis das nações do mundo. Tal tarefa exigia esforços profissionais que combinassem conhecimentos linguísticos, culturais e sociais. E mais importante: essa busca por conhecimento compreensivo não estaria finalizada com o fim das hostilidades ou mesmo com a conclusão da reconstrução dos teatros de guerra. No entender deste *scholar*, os Estados Unidos experimentariam oportunidades inigualáveis e enfrentariam pesadas responsabilidades. T tamanha missão demandaria milhares de estadunidenses, militares e civis, que teriam que combinar treinamento profissional ou técnico com conhecimento de idioma, economia, política, história, geografia, costumes e religiões desses países estrangeiros. (Nugent, 2010, p. 19-20).

Portanto, é possível entender que os manuais de instruções criados pelos Estados Unidos fizeram parte não só da preocupação em manter seus aliados unidos, mas de uma

projeção política que visava a afirmação do poder e da superioridade estadunidense em todo o globo.

As comparações entre os manuais

A partir das análises das estratégias utilizadas pelos Estados Unidos nos manuais, de início se percebe muitas semelhanças. A primeira foi o formato dos manuais, em livros com capa brochura e de bolso. Outra semelhança foi o direcionamento que cada manual teve, ou seja, um livreto para cada país em que o soldado foi recrutado. Além disso, a estrutura de redação desses folhetos também foi muito semelhante, com textos curtos, diretos e claros.

Outra semelhança foi a utilização da comparação entre a realidade do soldado estadunidense com a dos habitantes de outra nação. Essa comparação era feita com o sentido de criar uma identidade entre o “forasteiro” estadunidense e os habitantes locais, evitando expressar superioridade dos aliados do Novo Mundo em relação aos europeus. Foi frequente a utilização de estereótipos sobre o aliado e a estratégia de mostrar um país e habitantes que muitas vezes não condiziam com a realidade, mas que foram elaborados de modo a não revelar seus pontos negativos aos soldados, com o intuito de evitar as críticas entre os combatentes.

Entre as diferenças destaca-se, no manual destinado aos soldados na França, a maior preocupação com a segurança, devido aos efeitos da ocupação alemã, e a necessidade da elevação moral dos franceses, por todo contexto de críticas à atuação do exército francês na guerra. Além disso, as orientações dos manuais eram mais enfáticas com relação ao respeito às mulheres, tentando evitar as generalizações das francesas como prostitutas. Porém, a maior diferença entre eles foi a de conteúdo, pois, apesar de haver instruções que se repetiram em todos os manuais, neste volume os argumentos foram baseados mais na cultura e nos hábitos dos franceses do que no manual destinado ao estacionamento das tropas na Grã-Bretanha, onde as identidades culturais e idiomáticas eram maiores com as dos soldados estadunidenses.

Dessa forma, diante das semelhanças e diferenças, de início pode-se chegar a algumas conclusões. Primeiro, os manuais foram produzidos dentro de um projeto elaborado de instrução militar, tendo em vista que, para cada país que os soldados aliados foram, era confeccionado um manual. Segundo, tendo em vista as muitas semelhanças, desde o formato, a metodologia e conteúdo, pode-se perceber que houve as influências mútuas, apontadas por Bloch (1992) como próprias do método comparativo. Essas influências são ainda mais perceptíveis quando se observa as referências que os manuais fazem uns aos outros.

Terceiro, observou-se que as estratégias de instruções presentes nos folhetos foram instrumentos de propaganda dos Estados Unidos e serviram também como contrapropaganda para combater as ações do Eixo, na medida em que deram alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães, pediram cuidado com a sabotagem e espionagem do inimigo, sobretudo no manual destinado aos soldados que foram para França.

Por fim, mas não menos importante, propõe-se entender esses manuais como parte de um imenso esforço de projeção de liderança americana durante a guerra e para o pós-guerra. Neste caso, controle e autocontrole se combinam em níveis locais e continentais, e a potência capitalista hegemônica pode difundir suas ideias, seus produtos e seu poder no pós-guerra que se aproximava.

Considerações Finais

Os manuais de instrução para os soldados fizeram parte das estratégias dos estadunidenses para a guerra. Sua confecção não havia sido planejada desde o início do conflito, mas fruto de necessidades sentidas à medida que forças dos Estados Unidos avançavam. Para isso, houve a inestimável contribuição de profissionais das ciências humanas do país, que proporcionaram os conhecimentos que possuíam sobre realidades nacionais e regionais estrangeiras, que a instituição militar estadunidense jamais tivera. Um dos produtos desses “estudos de área” foi a preparação de manuais/folhetos de orientação aos soldados em estacionamento ou em tarefas de ocupação de território. A preparação de folhetos servia para que o governo estadunidense conhecesse não apenas seus inimigos, mas também seus aliados. Tendo em mãos o conhecimento da cultura dos outros países, os Estados Unidos puderam passar orientações específicas sobre cada nação em que seu soldado era enviado. Essas instruções indicavam que o combatente deveria ser civilizado, no sentido de educado, compreensivo e gentil. Ou seja, o ideal de um soldado que passaria a autoimagem estadunidense as outras nações.

Criar um manual para cada local que o exército dos Estados Unidos iria indicava uma preparação do governo no sentido de que era necessário vencer o inimigo em todas as frentes. Ganhar a guerra era o objetivo principal, mas projetar uma imagem de um país superior aos outros também era essencial. Nos manuais, algumas vezes nas entrelinhas, outras de modo explícito, a ideia de superioridade estadunidense estava presente. As ordens eram: você representa os Estados Unidos, demonstre quem somos, você tem essa responsabilidade.

Pensando numa guerra que a força combatente era predominantemente composta por civis, e que a esmagadora maioria deles nunca haviam saído dos Estados Unidos, trazer manuais específicos para cada local ao qual o soldado era enviado era uma estratégia de fazer com que o combatente se munisse com informações sobre o habitante local e sobre o país para onde ele estava sendo enviado. Por isso os manuais são diferentes em vários aspectos e semelhantes em outros. As diferenças se davam pela necessidade e as semelhanças tinham o objetivo de dar orientações para um soldado idealizado pelo Estado: eficiente não só militarmente, mas que sabia lidar com o outro, entender a cultura diferente da sua.

Porém, através da análise dos manuais com bibliografias e com o folheto *112 Gripes about The French* (1945), ficou evidente que entre a idealização de um soldado amigo, gentil, prestativo, e a realidade concreta, havia uma grande distância. Apesar dos esforços implícitos

nos manuais para polir as ações dos soldados, era impossível controlar totalmente as ações e falas dos combatentes, ao lidar com costumes e hábitos diferentes dos seus.

Os estereótipos criados sobre o outro, a convivência numa guerra que por si só já trazia dificuldades, foram elementos que o governo estadunidense não poderia controlar totalmente. Mesmo assim, um conjunto de ações foi responsável por disseminar ideias e práticas. No caso dos manuais, serviram aos Estados Unidos não só para a disseminação da ideia de soldado civilizado, mas também para projeção de estratégias para um pós-guerra. Resolver os problemas entre as relações com os povos vencedores era importante, pois, no pós-guerra, as alianças eram essenciais para que os Estados Unidos e seus representantes galgassem uma corrida pelo poder.

O uso da História Comparada permitiu ampliar o olhar sobre as relações entre Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Estudando manuais diferentes, mesmo que tenham sido produzidos pelo mesmo país, observou-se como o governo estadunidense olhava seu aliado na guerra, como projetava sua autoimagem através de um tipo de soldado idealizado, que deveria demonstrar em suas ações que sabia se comportar num país estrangeiro. O método comparativo contribuiu para o entendimento de que havia um projeto arquitetado de utilizar as instruções nos manuais para projetar a autoimagem estadunidense com objetivos amplos, como afirmar o poderio político, social e cultural dos Estados Unidos.

Referências

Fontes

INFORMATION & Education Division. *112 Gripes about the French*. PARIS, of the US Occupation Forces, 1945.

WAR Department. *Instructions for American Servicemen in Britain*. Washington, 1942.

WAR Department. *Instructions for American Servicemen in France During World War*. Washington, 1944.

WAR Department. What the Soldier Thinks. *A Monthly Digest of War Department Studies on the Attitudes of American Troops*, n. 15, 1945.

Bibliografia

AMBROSE, Stephan. *Soldados Cidadãos: do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e rendição da Alemanha, 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Bertrand Brasil, 2010.

BARROS, José D' Assunção. História Comparada –Um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*, v. 1, n. 1, jun. 2007.

BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. *Marc Bloch: una historia viva. Estudio preliminar y seleccion de textos*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BUCHANAN, Andrew; LAWLOR, Ruth. Latin America, the Good Neighbor, and the Global Second World War. *Antíteses*, Londrina, v. 17, n. 34, p. 22-50, jul.-dez. 2024.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 2: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

EMBREE, John F. Anthropology at the War. *Bulletin of the American Association of University Professors (1915-1955)*, v. 32, Autumn 1946.

FERRAZ, Francisco Cesar. *Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2022.

KATZ, Barry M. The OSS and the development of the Research and Analysis Branch. In: CHALOU, George C. (ed.) *The Secrets War: the Office of Strategic Services in World War II*. Washington: National Archives and Records Administration, 1992.

LOSS, Christopher P. Reading Between Enemy Lines: Armed Forces Editions and World War II. *Journal of Military History*, v. 67, n. 3, July 2003.

MANNING G. Molly. *Quando os livros foram à Guerra: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

NUGENT, David. Knowledge and Empire: The Social Sciences and United States Imperial Expansion. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, v. 17, n. 1, p. 2-44, 2010.

NUGENT. David. Social Science Knowledge and Military Intelligence: global conflict, territorial control and the birth of Area Studies during World War II. *Anuário Antropológico*, v. 32, n. 1, 2007.

PRICE, David. Lesson from the Second World War anthropology. *Anthropology Today*, v. 18, n. 3, June 2002.

QUÉTEL, Claude. *As mulheres na guerra (1939-1945)*. São Paulo: Lourusse do Brasil, 2009.

SCHRIJVERS, Peter. *The Crash of Ruin: American combat soldiers in Europe during World War II*. New York: New York University Press, 1998.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História Comparada: Olhares Plurais. *Revista de História Comparada*, v. 1, n. 1, p. 1-21, jun. 2007.